

DANIEL MUNDURUKU

Estações

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega
Elaboração: Tom Nóbrega

● Leitor em processo (2º e 3º anos do Ensino Fundamental)

De Leitores e Asas

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”*



Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental tem como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que depreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que deveriam ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “não quer voltar”. Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e
não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, decepção por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “*meu amor não quer voltar*”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “*não pode*” que está escrito, é “*não quer*”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.



DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos linguísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.

As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

- ✓ Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- ✓ Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos), ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- ✓ Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilharem o que forem observando).

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor.

- ✓ Leitura global do texto.
- ✓ Caracterização da estrutura do texto.
- ✓ Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

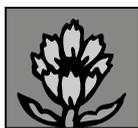
c) depois da leitura

Propõem-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas.

- ✓ Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- ✓ Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- ✓ Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- ✓ Explicitação das opiniões pessoais frente a questões polêmicas.
- ✓ Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar ou para a produção de outros textos ou, ainda, para produções criativas que contemplem outras linguagens artísticas.

LEIA MAIS...

- ✓ do mesmo autor
- ✓ sobre o mesmo assunto
- ✓ sobre o mesmo gênero



Estações

DANIEL MUNDURUKU

© Marilida Castanha

UM POUCO SOBRE O AUTOR



Daniel Munduruku é um escritor e professor nascido em Belém-PA, pertencente ao povo indígena Munduruku. Autor de 65 livros publicados por diversas editoras no Brasil e no exterior, grande parte de literatura infanto-juvenil. Graduado em Filosofia, tem licenciatura em História e Psicologia, mestrado e doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) e pós-doutorado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Dentre os muitos prêmios nacionais e internacionais recebidos destaca-se o Prêmio Jabuti, em 2004 e em 2017. Muitos de seus livros receberam selo "Altamente Recomendável" da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Engajado no Movimento Indígena Brasileiro, reside, desde 1987, em Lorena-SP, cidade onde é diretor-presidente do Instituto Uka e do selo Uka Editorial e membro fundador da Academia de Letras de Lorena.



RESENHA

Estações é um livro sobre o tempo: um tempo não linear, não abstrato – um tempo que passa sem se atropelar. Nesta obra, Munduruku nos lembra que olhar para o tempo das coisas da natureza, que brotam, florescem e fenecem, ajuda a compreender o tempo da nossa própria vida. É um tempo "que não dá saltos", "que segue seu fluxo": basta olhar com atenção para as plantas para compreender que o tempo do crescimento não é o tempo da *pressa* e da *pressão* que rege as demandas de produtividade da sociedade capitalista em que vivemos. Quem observa a natureza começa a compreender que as coisas desabrocham e rendem em partilha: é na troca entre seres de espécies muito diferentes que a vida ganha forma e se regenera.

Ao mesmo tempo, o autor nos lembra que uma das coisas mais fundamentais a respeito da nature-

za da vida é a sua impermanência. Num dos mais belos trechos do livro, Daniel Munduruku nos diz, em um jogo de repetição e inversão: “Natureza é como gente. Passa. Gente é como natureza. Passa”. É preciso, portanto, aceitar as mudanças, deixar que as coisas passem. O autor faz uma analogia entre as quatro estações do ano e as diferentes etapas da vida: a infância brinca como a primavera; a juventude é intensa e ardente como o verão; a idade adulta, como o outono, é uma etapa de gestação e metamorfose; enquanto o inverno, como a velhice, nos ensina o recolhimento necessário para que a sabedoria brote.

Nesse belo texto reflexivo, que pode ser lido como um poema, Daniel Munduruku nos convida a ver a natureza ao nosso redor e nos reconhecer nela, ensinando-nos a vivenciar diferentes etapas da vida – que brota, cresce, se transmuta, fenece e volta a nascer. Em poucas palavras, o autor nos apresenta de modo engenhoso e sensível as verdades muito presentes na cultura dos povos originários, mas que o modo de vida afogado dos centros urbanos muitas vezes leva a esquecer.

Ler este livro é aprender a escutar o próprio corpo ao observar a vida que brota ao nosso redor, aprendendo a agradecer o momento presente, que deve ser recebido como dádiva. As belas ilustrações de Marilda Castanha, que dialogam com a iconografia e os grafismos dos povos indígenas, nos ajudam a vislumbrar essa temporalidade ao mesmo tempo simples, direta e profunda – esse tempo tão perto de nós, que nos lembra de nossa conexão ancestral com todas as formas de vida.



QUADRO-SÍNTESE

Gênero: Poema

Palavras-chave: Tempo, natureza, estações, passagem, impermanência, escuta, aceitação

Componentes curriculares envolvidos: Língua Portuguesa, Geografia, História

Competências Gerais da BNCC: 3. Repertório cultural, 8. Autoconhecimento e autocuidado, 9. Empatia e cooperação

Tema transversal contemporâneo: Diversidade cultural

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: ODS-3. Saúde e bem-estar, ODS-13. Ação contra a mudança global do clima

Público-alvo: Leitor em processo (2º e 3º anos do Ensino Fundamental)



PROPOSTA DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Mostre aos alunos a imagem da capa do livro, em que se observam crianças e peixes nadando

em um rio ladeado por árvores. Veja se conseguem reconhecer cada um dos seres retratados nas imagens de forma estilizada e não realista.

2. Leia com a turma o belo texto da quarta capa, que aproxima o leitor de forma sensível e poética de uma das concepções mais fundamentais do pensamento indígena – nem só os humanos são gente: a noção de gente, de pessoa, é muito mais ampla. Chame a atenção para o modo como a palavra *gente* se repete no decorrer do texto e vá se justapondo a outras palavras por meio de um hífen: *Gente-árvore*, *Gente-peixe*, *Gente-pássaro*, *Gente-rio*. De que maneira os alunos compreendem essa diversidade de *gente*?
3. Ainda sobre o texto da quarta capa, veja se os alunos se dão conta da vasta amplitude temporal abarcada por esse parágrafo, que envolve todo o ciclo de uma vida: infância, juventude, maturidade, velhice, morte e renascimento. Que relação os alunos enxergam entre esse texto e o título do livro *Estações*?
4. Chame a atenção da turma para a dedicatória da obra: “Para Luiza de Aquino Alvarenga e Helena de Aquino Coura, primaveras que florescem trazendo esperanças ao mundo”. Veja se os alunos notam como o autor chama Luiza e Helena de *primaveras*. Que idade imaginam que as duas devam ter no momento em que o autor escreveu essa dedicatória?
5. Leia com a turma as biografias de Daniel Munduruku e Marilda Castanha, escritas em primeira pessoa, nas páginas 38 e 39, em que ficamos sabendo que essa obra surgiu como uma colaboração entre dois amigos. Chame a atenção para a concepção de conhecimento implícita na gradação que Munduruku estabelece nessas três frases: “Estudei muito e me tornei professor; estudei muito e me tornei escritor; estudei muito e aprendi que nem todo estudo do mundo nos torna melhor que ninguém”.
6. Para que os alunos conheçam um pouco mais de perto o autor do livro, assista com eles a entrevista em que Daniel Munduruku compartilha as lembranças dolorosas que guarda de seus tempos de escola e fala do papel fundamental que seu avô Apolinário desempenhou em sua trajetória, disponível em: <https://mod.lk/Y20NO>. Sugira também que se inscrevam no canal do autor no Youtube, em que é possível escutar o autor lendo e comentando seus textos, indicando livros e falando um pouco sobre o que pensa do momento em que vivemos: <https://www.youtube.com/@dmunduruku> (acessos em: maio. 2024).

Durante a leitura

1. Proponha aos alunos que tentem perceber a maneira pela qual esta obra nos leva a refletir sobre o tempo, e sobre a forma como a natureza pode nos ensinar como lidar com ele.
2. Veja se notam quais são as relações feitas pelo autor entre as estações do ano e as diferentes etapas da vida.

3. Exponha a forma como a ilustradora Marilda Castanha cria uma atmosfera mágica e onírica ao brincar com as dimensões dos seres que retrata: alguns animais aparecem retratados em dimensões maiores do que as personagens humanas.
4. Proponha que prestem atenção nas múltiplas camadas que encontramos em diversas das ilustrações: espaços sob e sobre a terra, espaços dentro d'água e acima da superfície da água.
5. Embora as ilustrações retratem espaços presentes na natureza, Marilda Castanha opta por fazer uso de padrões que se repetem para compor as imagens, que remetem aos grafismos indígenas. Ajude seus alunos a reconhecê-los.
6. Veja se os alunos percebem os jogos de paralelismo, inversão e repetição usados pelo autor no decorrer do texto.

Depois da leitura

1. O livro abre com o seguinte trecho: "A natureza não dá saltos. Ela segue seu fluxo. Sem pressa, sem pressão." *Pressa e pressão* são coisas bastante presentes na sociedade em que vivemos, guiada por uma lógica de produtividade e de acúmulo, sempre voltada para o futuro. O pensamento indígena privilegia o tempo presente. Para se aprofundar um pouco mais a respeito desse assunto, vale a pena escutar a reflexão do autor a respeito do conceito de Bem Viver, maneira de estar no mundo compartilhada por muitos povos indígenas, disponível em: <https://mod.lk/wa6QO> (acesso em: maio 2024).
2. Entre o povo guarani, que habita o Brasil, temos o conceito de Teko Porã, termo em guarani que significa "o belo caminho" ou o "bem viver", um olhar para o mundo que reconhece todos os seres como estando interligados. Para compreender melhor esse conceito guarani, leia com os alunos a entrevista com Jerá Guarani, primeira mulher a assumir a liderança Guarani Mbyá na aldeia Kalipety, em Parelheiros, no extremo sul da cidade de São Paulo. Disponível em: <https://mod.lk/dovji> (acesso em: maio 2024).
3. Leia com os alunos o canto cosmogônico Guarani Mbyá *Os primitivos ritos do Colibri*, traduzido pelo poeta Josely Vianna Batista, em que se fala de Ñamandu, ou Nhamandù, o Grande Espírito, que menciona, entre outras coisas, as estações do ano. Disponível em: <https://mod.lk/ZYRYH> (acesso em: maio 2024).
4. Para muitos povos indígenas, a passagem de uma etapa da vida para outra muitas vezes envolve ritos de passagem. Assista com a turma ao vídeo do canal do Youtube Wariu, em que um jovem indígena fala a respeito do processo de iniciação dos meninos do seu povo, o Xavante, disponível em: <https://mod.lk/3BzvG>. (acesso em: maio 2024).
5. Assista com os alunos ao premiado curta-metragem de animação *A festa dos encantados*, dirigido por Masanori Ohashy, que conta um mito do povo Guajajara. Ao entrar em contato com a Natureza, os povos indígenas estabelecem um diálogo profundo e complexo com os Encantados, seres que estabelecem pontes entre diferentes formas de vida. Foi a partir do encontro com esses seres que o pajé aprendeu as celebrações que até hoje são feitas pelo seu povo para celebrar diferentes etapas da vida. Disponível em: <https://mod.lk/VOzhY> (acesso em: maio 2024).
6. Para que os alunos tenham uma dimensão da riqueza e complexidade do pensamento indígena e do modo como esse pensamento dialoga com o conhecimento científico e a sabedoria de diversos outros povos que habitam a Terra, assista com a turma ao primeiro episódio do ciclo Flecha, *A serpente e a canoa*, concebido e narrado por Ailton Krenak, com direção e pesquisa de Anna Dantes, disponível em: <https://mod.lk/r6Jlq>. Estimule os alunos a assistirem às demais Flechas da mesma série, todas disponíveis gratuitamente no Youtube. No site do projeto Selvagem, <https://selvagemciclo.com.br/>, é possível ter acesso a um conteúdo riquíssimo que aproxima a sabedoria ancestral e o pensamento científico (acessos em: maio 2024).
7. Assista com a turma a entrevista em que o cacique Raoni expressa sua preocupação com a construção de barragens e a mineração em terras indígenas e com a situação dos povos originários no país, disponível em: <https://mod.lk/7hric>. Em seguida, leia com eles a carta profecia publicada em 2019 no jornal inglês *The Guardian*, em que o líder Kaiapó faz um alerta sobre os perigos que o modo de vida e a ganância do homem branco têm trazido para todo o mundo, disponível em: <https://mod.lk/iqb0d> (acessos em: maio 2024).
8. Para que os alunos saibam um pouco mais a respeito dos cerca de 300 povos que habitam o território brasileiro, visite com os alunos a página Povos Indígenas do Brasil, organizada pelo Instituto Socioambiental, uma das principais ONGs defensoras dos direitos indígenas: <https://pib.socioambiental.org>. No site, é possível encontrar o nome da maior parte dos povos originários que vivem no país e acessar mais informações a respeito de cada etnia, incluindo um pouco de sua história, seu território e sua cultura. Em seguida, assista com eles ao documentário *Índio somos nós*, em que indígenas de diferentes etnias falam um pouco sobre seus modos de vida, disponível em: <https://mod.lk/identida> (acessos em: maio 2024).



LEIA MAIS...

1. DO MESMO AUTOR

- *As serpentes que roubaram a noite e outros mitos*. São Paulo: Peirópolis.
- *Kabá Darebu*. São Paulo: Brinque-Book.
- *O karaíba: uma história do pré-Brasil*. São Paulo: Melhoramentos.
- *O sinal do pajé*. São Paulo: Peirópolis.
- *Crônicas indígenas para rir e refletir na escola*. São Paulo: Moderna.
- *Antologia de contos indígenas de ensinamento: tempo de história*. São Paulo: Moderna.

2. DO MESMO ASSUNTO

- *O menino-trovão*, de Kaká Werá. São Paulo: Moderna.
- *Tembetá: conversas com pensadores indígenas*, de Idjahure Kadiwéu. Rio de Janeiro: Azougue Editorial.
- *Ay kakyri tama: eu moro na cidade*, de Marcia Wayna Kambeba. Rio de Janeiro: Polén Livros.
- *Poemas para curumins e cunhantãs*, de Tiago Hakiy. São Paulo: Moderna.
- *Terra, rio e guerra: a sina de um curumim*, de Cristino Wapichana. São Paulo: Moderna.



LEITURA EM FAMÍLIA

A leitura, quando não é estimulada no ambiente familiar, acaba sendo percebida pelas crianças como uma prática essencialmente escolar. No entanto, estudos revelam que, se pais, avós, tios, padrinhos leem em voz alta com os pequenos e conversam a respeito do conteúdo lido, essas vivências ajudam as crianças a gostar de livros, aguçam a criatividade e diversificam sua experiência de mundo.

É por acreditar que a leitura deve ser vivenciada regularmente não apenas na escola que a Moderna desenvolve o programa "Leitura em família", para proporcionar uma interação cada vez maior com os filhos e se integrar mais com a escola na missão de educar.

No final do livro, é possível encontrar o *link* com sugestões para aproveitar o máximo desta obra em família.

Reforce essa ideia com a família de seus alunos!